



QUEREMOS RESPOSTAS

João Correia Anacleto
CIRURGIÃO PLÁSTICO



“A auto-estima vem de dentro”

AS PESSOAS E OS CIRURGIÕES PERDERAM A VERGONHA EM RELAÇÃO À CIRURGIA ESTÉTICA E HOJE É MUITO PROCURADA. PORÉM, A IMAGEM É ALGO SOBREVALORIZADO, ALERTA ESTE CIRURGIÃO QUE FAZ PARTE DA EQUIPA DA UNIDADE DA MAMA DA FUNDAÇÃO CHAMPALIMAUD NA ÁREA DE RECONSTRUÇÃO

POR: CÉLIA ESTEVES FOTOS: RUI GAGEIRO E DR

Sente que há cada vez mais pessoas, sobretudo mulheres, a procurarem a cirurgia estética?

Acho que sim. Embora agora a tendência tenda a estabilizar um bocado, pela crise económica que atravessamos.

Também se sente a crise nesse ramo?

A crise é normal e transversal a qualquer área da sociedade, e na cirurgia estética, porque não é uma necessidade imediata, uma pessoa pode diferi-la para mais tarde, quando estiver financeiramente mais estável. Porém, de um modo geral, a cirurgia estética tem crescido muito, até porque o acesso é mais fácil. As pessoas perderam a vergonha, assim como os cirurgiões. Quando a especialidade se estabeleceu era uma coisa meio frívola, que não era muito bem vista – o que era importante e bem visto eram as grandes reconstruções, os grandes casos de cirurgia reconstitutiva –, mas com o passar dos anos e com o estabelecimento da cirurgia estética passou a ser aceite, sobretudo porque quase todos os grandes avanços da cirurgia necessários para se fazer uma boa cirurgia estética vêm de uma base reconstitutiva forte, e todos os cirurgiões plásticos são cirurgiões reconstitutivos por excelência.

Na área da cirurgia estética o que é que as mulheres mais procuram?

Eu faço sobretudo face e mama.

O paciente tem sempre razão?

Faz sempre o que lhe pedem?

Não, de todo! Até porque antes de tudo acho que não se consegue fazer uma coisa estética em que não acredite. Para tentar fazer uma coisa que é bonita, tem que se concordar de que é bonito. Por exemplo, não consigo encarar um volume desmedido como uma coisa bonita. As pessoas muitas vezes perguntam-me o que é que acho que elas deviam fazer e em termos estéticos raramente me pronuncio. Uma coisa é o caso de um doente que tem um tumor e tem a obrigação de o tirar e há uma reconstrução que acontece da melhor maneira. Agora, quando o caso não é esse, são as pessoas que têm que se sentir bem e têm de

sentir que há alguma coisa que querem corrigir e o único papel do cirurgião nesse aspecto é dizer se é exequível ou não é, se consegue corrigir, melhorar. Dar à pessoa uma perspectiva mais ou menos realista de quanto consegue melhorar. Há muitas pessoas, por exemplo, que querem fazer uma lipo, mas não têm indicação para o fazer, porque não vão beneficiar suficientemente, ou porque têm pouca gordura ou porque têm muita pele ou porque a zona é uma zona que, por razões técnicas, não vai ter um bom resultado, mas, às vezes, as pessoas dificilmente aceitam isso.

É a ideia, cada vez maior, da necessidade de uma melhor imagem que provoca essa procura?

Acho que as pessoas sobrevalorizam a imagem de uma forma, na minha opinião, pouco sensata e relacionam muitas vezes a imagem com a auto-estima. É verdade que a imagem pode melhorar a auto-estima, mas a auto-estima vem de dentro, não vem da imagem. E depois aliada ao mundo da estética há muita aldrabice e isso confunde um pouco as pessoas.

Várias figuras públicas já fizeram cirurgias estéticas, muitas delas de forma grátis. Também o procuram?

Acho que já me procuraram, mas não tenho esse ‘modus operandi’. É certo que trato muitas pessoas de borla, mas é porque me apetece, não é uma contrapartida. Não cobro aos meus colegas, às pessoas que trabalham comigo. Se me apetece não cobrar a alguém não cobro, mas não é a minha forma de estar. Não critico, nem deixo de criticar quem o faça, até porque não tenho nada ver com isso, mas não faço. Não tem a ver comigo.



O cirurgião opera no Hospital da Trindade no Porto; em Lisboa, divide-se entre a Cuf Infante Santo e a de Cascais. Tem consultório na Rua Castilho